

Teias, Tramas e Tessituras: uma Travessia

Maria Ignez Calfa

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Palavras-chave: corporeidade dança vídeo

Teias, Tramas e Tessituras: uma Travessia se propõe a mostrar a interação dos fundamentos do processo de elaboração da imagem com questões emergidas ao longo de um trabalho de experimentação e composição em Dança, sob o olhar da corporeidade, da linguagem, da memória e mito, orientando a escrita do roteiro que deu origem a este ensaio videográfico.

Esta produção é resultante da reflexão e discussão das ações desenvolvidas no “Projeto Trama do Corpo: uma tessitura poética”, realizado na cidade de Tiradentes /MG, que teve como proposta o oferecimento de um Curso de Extensão, inicialmente com Oficinas práticas, seguidas da montagem e apresentação do espetáculo coreográfico itinerante “Cortejando a poética de Minas Gerais”, envolvendo os participantes do curso, comunidade local e alunos do Curso de Bacharelado em Dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Esse projeto decorreu da implementação de ações para o fortalecimento da memória focalizado nas manifestações culturais locais e um olhar sobre a tradição, definidas no I Encontro Brasil-Vertentes Culturais, em novembro de 2005.

O “Projeto Trama do Corpo: uma tessitura poética”, portanto, deriva da conjugação entre a fundamentação teórica e as experimentações práticas, a partir das observações feitas sobre o corpo na ação do cotidiano. Foi dessa forma que se construiu para o ensaio videográfico em tela, o método que procurou identificar no corpo a possibilidade de escrita e de leitura de mundo, focalizando em sua narrativa um caminho no aprofundamento da linguagem para dança, tendo como princípio o estudo da corporeidade.

Como um campo de pesquisa ainda pouco investigado na dança, o compromisso maior na investigação face às diferentes proposições do corpo, nos instiga ao pensamento do corpo como questão, tendo a corporeidade, a linguagem e a memória, como diretrizes básicas para realização e execução de nossas pesquisas.

A travessia

Pensar a corporeidade é trazer o corpo na plenitude de sua vigência e viver, neste espaço mais sublime, o humano. É penetrar em um templo sagrado, onde podemos levantar, nas questões que ali se tecem, as relações tempo-espaço. Falar do corpo pleno é pensar o ser humano e as ações poéticas que nele se manifestam e se transformam, de acordo com as diferentes necessidades e particularidades que são construídas em sua trajetória. Nessa perspectiva, a corporeidade na dança busca o olhar sobre o corpo como possibilidade de

revelação da identidade a partir das diferenças, vistas nas marcas que se apresentam de uma pluralidade e de uma singularidade. Na corporeidade, a memória surge numa perspectiva individual e coletiva e, assim, adquire importância como caminho para a investigação da linguagem e para a valorização da cultura, contribuindo para o reconhecimento da tradição e das manifestações populares como produção de sentido.

O princípio da corporeidade na dança conduz o homem a aproximar-se e apropriar-se cada vez mais do seu próprio ser, abrindo seus canais de relação com sua própria poesia, mas também, a partir da diferença, aproxima-o do outro. Diante disso, verificamos que os trabalhos artísticos com esse viés apresentam entrelaçamentos entre o próprio e o do outro, entre o próprio e o espaço, gerando, a partir desta teia, o lugar da cena, da dança e do corpo conjunto. O corpo ou *corpus* é o reunir que, ao recolher-se, tece em seus pontos de força, a partir do vazio, a teia. Esta reunião configura-se a partir de pontos de encontro e de fuga, partidas e chegadas, vias e desvios nos cruzamentos que aviam as tramas. É no tecer que se mostra o seu universo poético, é na doação do ser que nos reconhecemos como seres de linguagem. Para compreender o sentido da linguagem no corpo, não podemos tomá-lo a partir de sua estrutura anatômica, mas como *corpus* no conjunto de textos que inscritos, ali se enunciam em uma relação amorosa, tecido no que lhe é próprio. A enunciação, assim verificada, não pode ser admitida como proposição, mas como um deixar nascer que encaminha o homem para um encontro maior consigo mesmo, com o que lhe é originário. Portanto, a linguagem abre espaço para a quebra dos estereótipos, pois se apresenta sempre como um narrar inaugural, como o lugar da manifestação do novo.

A corporeidade, em congruência com a linguagem, instaura-se, desta forma, como um caminho privilegiado para a criação artística em dança. Nesta perspectiva, a criação se funda na técnica como um saber próprio, constituído no diálogo manifestado pela memória na linguagem, que é a corporeidade. Ao trazer essa visão, pretendemos trazer a corporeidade como o lugar onde se condensa, na substância material, a substância mais sensível do homem, portanto torna-se pertinente pensar sua importância como fonte de manifestação do humano.

A linguagem está no ser, não é um sistema de códigos. Ela já é desde sempre a manifestação do real e, portanto, soberana ao homem, que está na e pela linguagem. Ela possibilita o diálogo, na abertura de caminhos e percursos de um cortejo, se compreendermos o cortejo como lugar de travessia, onde a paisagem é o lugar do desvelamento por onde se dá a multiplicidade. “A linguagem é o mistério da identidade nas diferenças de via e viagem, de viajante e paisagem” (Leão, 2002: 170). O que importa neste percurso não é a ordem com que se dá cada fato, mas a maneira como se constrói nas ações o espaço de jogo; é a trama da linguagem se configurando na tessitura poética, é o lugar do ser, dos nós e do vazio, são tensões que originam pontos de encontro nas conexões da própria realidade. Logo, é na teia, como imagem da complexidade do ser, que se dá a realização humana em sua dinâmica.

Na ciranda da Dança identificamos a Corporeidade na circularidade do ser, possibilidade de mergulhos e viagens entre o saber e o não-saber daquilo que se oculta e se mostra, e que nos move a uma trajetória singular, surgindo como paisagem de forma única e viajante das inúmeras vias que transitamos e que nos enviam a linguagem. É neste lugar que se dá a travessia em seu vigor, pois o caminho da linguagem é o sentido; então é nesta complexidade que tecemos a trama de um habitar poético, na configuração do ser e não de um mero fazer, permitindo ao corpo a viagem nas vias da paisagem.

Perder essa relação é cair na mera produção e tratar a linguagem como meio de expressão e não na força de sua manifestação. A linguagem chama o homem para sua condição primeira; é uma necessidade e liberdade do ser, a partir do momento em que ali se desvendam caminhos des-conhecidos e descobrem-se com o que lhe é próprio a mundos ainda não vistos.

Em sentido próprio a linguagem é que fala. O homem fala apenas e somente a medida que co-responde a linguagem, a medida que escuta e pertence ao apelo da linguagem. De todos os apelos que nós, os humanos, devemos conduzir a partir de nós mesmos, para um dizer, a linguagem é ela mesma o apelo mais elevado e por toda parte, o apelo primordial. É a linguagem que, primeiro e última instancia, nos acena a essência de uma coisa. (HEIDEGGER, 2001: 167).

Ao trazer a Linguagem na vigência da Memória é que pensamos a Corporeidade como fazer poético, compreendendo aqui a memória como uma instância criadora, não sendo vista somente como lembrança ou representação de um tempo passado, mas como vigência deste passado no presente, na atualização do acontecimento. E, na vigência da memória, abriga-se o mito, que em sua complexidade, nos aponta a realidade de uma cultura interpretada a partir de uma perspectiva múltipla, portanto ele é sempre a narrativa de uma criação, apontando os modos de algo que começou a ser, revelando sua atividade criadora e desvendando a sua sacralidade nas obras.

Recorrendo ao mito de Mnemósine, identificamos na sua origem a própria memória, o que jamais será esquecido, de onde surgem as Musas, responsáveis por trazerem através do canto a voz do que está presente como sentido do mundo, dos deuses e dos homens. As musas inspiram os poetas, que arrebatados entram em contato com o divino e utilizam a memória como presença substantiva para a criação, colocando-a no lugar do extraordinário.

A poesia reivindica a união entre mito e culto, em manifestação criativa da memória que viabiliza a criação de novos valores culturais. Destituída de poesia, a história contada pelo historiador converte-se em historiografia. O poeta, portanto, é aquele que situa seu fazer na manifestação de uma memória criativa e não de uma história que faz uso da memória como instrumento de registro. Da mesma forma, a corporeidade no fazer poético compreende a memória como vigência do acontecido, como permanência e mudança, que presentificada se atualiza e conseqüentemente leva o homem à criação. A criação é neste sentido o desvelamento, o deixar surgir através do vigor da memória.

Referências bibliográficas:

- CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- CASTRO, Manoel Antonio de. **Tempos de Metamoforse**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- _____ (org.). **A construção poética do real**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- _____ . **Ensaaios e conferências**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- LEAO, Emmanuel Carneiro. **Aprendendo a pensar**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- JARDIM, Antonio. **Música: vigência do pensar poético**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.
- SANTOS, Francisco Venceslau dos (org.). **Historicidade da memória**. Rio de Janeiro: Caetés, 2002.